COMO SE CONSTITUI A FEMINILIDADE: UM "SER" REFERENTE AO OUTRO

AS THE FEMINILIDADE CONSISTS: ONE "TO BE" REFERRING TO THE OUTRO

Laiza Francielli dos Santos Bortolini[1]

RESUMO: Como se constitui a feminilidade? Sabemos que a anatomia não define o sujeito feminino e que a questão da feminilidade e de sua ligação com a anatomia deixou lacunas na escrita do pai da Psicanálise: Sigmund Freud. Para delinear nossa escrita enfatizamos a relação primordial da menina com sua mãe, a qual, segundo Freud, permanece como modelo de todas as relações posteriores do sujeito feminino, já que a mulher, enquanto feminina, não encerra o Édipo de forma completa. Se não se finaliza o complexo de Édipo completamente, é a ligação com a mãe que continua presente, pois este é uma herança direta desta relação primeva. Desenvolvendo o pensamento que Freud inaugurou juntamente com a leitura de psicanalistas lacanianos, principalmente Gerard Pommier (1991, 1992) e Serge André (1991), os quais, baseados em Freud, desenvolveram suas teorias, tentaremos argumentar e definir o feminino. Será possível, porém, definir a feminilidade? Entende-se que a mulher participa do gozo fálico - e assim precisa fazê-lo para entrar no mundo da linguagem - mas precisa ir além da significação fálica - único significante na linguagem para a

[1] Psicóloga, mestranda em Educação nas Ciências pela Universidade regional do Noroeste do estado do Rio grande do Sul – UNIJUÍ, bolsista CAPES integral.

sexualidade - para encontrar o "gozo Outro", o qual traz a especificidade do feminino.

Palavras-Chave: Constituição. Feminilidade. Gozo Passivo. Gozo Ativo.

A temática da feminilidade, assim como o percurso que uma menina atravessa para "tornar-se mulher", tem sido uma pesquisa constante na Psicanálise. O que é e o que quer uma mulher, foi uma questão presente em Freud e continua sendo para outros psicanalistas. Nosso objetivo é tentar fazer um percurso sobre esta temática a partir de Freud mas, principalmente, com o objetivo de ir além dele a partir de autores lacanianos, situando a questão que orienta este trabalho: como se dá a constituição da feminilidade e como esta se define.

Para introduzir a temática trazemos um ponto que acreditamos ser fundamental para definir a feminilidade: a relação particular da menina com sua mãe nas primeiras fases da vida; será esta relação que colocará uma certa especificidade de desejo e gozo da feminilidade. Enquanto que, para o menino, a ligação com a mãe é totalmente substituída devido à ameaça de castração; na menina sobram restos desta ligação, os quais permanecem durante toda a sua vida, uma vez que ela é castrada e lhe faltam motivos para a finalização do complexo de Édipo.

Abordaremos a feminilidade centrando-a a partir da noção de falo, contemplando a teorização de psicanalistas lacanianos.

Gerard Pommier (1991) traz a questão da constituição do feminino a partir da problemática do falo. Nesse sentido, ele argumenta que no início da vida a criança encarna a posição de falo; ela acredita que tem o falo pois sua mãe a quer, isso é o que indica o tipo de relação que a criança vive com a sua mãe nesta fase: uma forte relação de fusão e completude. Assim, essa criança se coloca, por amor, como sendo aquela que preenche a falta da mãe; por este filho estar como

igual ao falo, a mãe é fálica.

> (...) uma condição universal de existência, porque toda criança teve no início, ela mesma, um tal falo. Se ela pode crer que sua mãe e as mulheres em geral são providas dele, é porque ela mesma encarnou esse símbolo (...). O falo que a criança encarna, assim, por amor, responde a demanda que ela supõe em sua mãe: eis porquê ela vai alucinar a presença de um pênis materno.
> A identificação ao falo é essa operação que faz da mãe uma mulher fálica. Não leva absolutamente em conta, neste primeiro momento, a diferença anatômica entre os sexos (POMMIER, 1991, p. 19).

Dessa forma, nesta primeira fase da sua vida, a criança está numa posição de falo, como objeto de gozo da mãe, pois entende que este é o desejo dessa mãe, a qual fica colocada como fálica. Esta posição, porém, só é encarnada pela criança até a intervenção da função paterna, a qual permite que a falta surja a partir do momento em que a criança percebe que o desejo da mãe não se coloca exclusivamente em sua direção: é a castração.

Aqui a criança entra em contato com o desejo; ela passa a buscar o falo que perdeu no momento em que sua mãe colocou seu desejo em outra coisa para além desta criança. Dessa forma, meninos e meninas participam desta perda da mãe fálica, e, portanto, não é o pênis enquanto órgão genital que se perde, mas o lugar de falo para a mãe.

Nesse sentido, Pommier (1991) não coloca tanta importância (como faz Freud), num primeiro momento, na visão dos órgãos genitais, pois afirma que só o entendimento de que a mãe deseja o pai faz a criança dar valor ao fato de que o pai tem pênis e a mãe não; essa visão dos órgãos reais só vem a reforçar ou significar a falta na mãe. A castração nesse sentido não é o corte do órgão em si, mas a percepção que o desejo da mãe direciona-se ao pai e não à criança. "A castração é o resultado da ameaça implícita que resulta da comparação entre falo e pênis, e a constatação da diferença anatômica entre os sexos é o

acidente secundário que lhe dá forma (POMMIER, 1991, p. 20).

No estudo da sexualidade em Freud já se encontra o germe da idéia referente ao falo. Este autor questiona-se sobre o que faria a menina trocar de objeto e de zona erógena, se ela, diferentemente do menino, não possui pênis, e, portanto, não pode ter medo de perdê-lo. Dessa forma, não seria por medo dessa perda que a menina desenvolveria o superego e abandonaria a organização genital infantil, como ocorre no menino. Assim, o afastamento da mãe não poderia se basear apenas no fato desta não ter lhe dado pênis, segundo Freud; a causa deste afastamento poderia ser encontrada na percepção da criança de que não recebe todo o investimento da mãe, percepção esta que é sentida como uma perda de amor.

> Estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil. Nela, muito mais que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor (FREUD, 1994a, p. 223).

Pommier (1991) irá avançar a partir de sua leitura em Freud. Assim, este primeiro autor trabalha a questão da feminilidade a começar pelas três saídas freudianas oferecidas para a mulher quando esta se depara com a inveja do pênis, mulher esta que, a partir da castração, da perda do falo - perda esta que é significada pela visão dos órgãos genitais - pode "escolher" entre três destinos na busca deste falo.

O primeiro deles é o que Freud (1994b) trata como um recalque da sexualidade, um abandono da vida erótica provocado pela decepção que a menina enfrenta quando se põe no lugar daquela que não tem pênis, o que conduz à saída histérica. Pommier (1991) aponta nesta saída: falta de pênis = falta de falo.

O segundo destino que Pommier (1991) refere equivale-se ao que Freud denomina complexo de masculinidade; a negação de que

não há pênis, onde a menina acredita que este vai crescer. Dessa forma, falo = pênis, a menina pensa que, se tem falo, tem pênis.

O terceiro destino é o que Freud expõe como normal para a mulher; seria a feminilidade propriamente dita, ou seja, a troca de zona erógena e objeto de amor que é o abandono da masculinidade inicial da menina. Pommier (1991) traz esta saída como uma diferenciação, ou seja, pênis falo, assim, a não-presença do pênis não impede que exista um gozo fálico para a mulher.

A feminilidade participaria, então, de uma certa relação com o falo, porém isto não define o feminino, afinal esta feminilidade ultrapassa a questão do falo.

Sabe-se que um sujeito se constitui-se a partir de identificações que inauguram o simbólico e por isto definem as relações do sujeito com o mundo. A feminilidade, no entanto, não pode encontrar esta identificação a partir do falo, pois este não lhe fornece sua especificidade.

Como se daria, então, a especificidade feminina?

Primeiramente para entrar na linguagem, ou seja, no mundo da falta e do desejo, a menina, da mesma forma que o menino, entra no gozo fálico; nada ainda a diferencia enquanto mulher. Para se definir como mulher, esta deve ir para além do falo, uma vez que este organiza a sexualidade e define somente o masculino. Por outro lado, não pode se identificar à mãe, uma vez que esta é fálica.

A mãe, neste momento, é objeto de amor para a menina, da mesma forma que o é para o menino. A primeira está numa posição fálica devido ao próprio lugar de falo em que a criança se coloca, ao mesmo tempo em que se doa por amor a esta mãe.

Da mesma forma, a identificação com o pai também não conduz à feminilidade, pois o pai só pode produzir a identificação com a sexualidade fálica.

> A identificação levanta um problema particular no que concerne à feminilidade: por ter que se orientar no mundo da fala, uma mulher se identifica inicialmente, do mesmo modo que um homem, ao lugar de onde ela fala. Ela também porta um nome, o qual, venha de onde vier, é paterno. Além disso, por amar em primeiro lugar sua mãe, uma menina está situada no mesmo lado que o homem. Dessa maneira, ela entra como todo o ser humano no gozo fálico. Todavia, nada a diferencia enquanto mulher quando se acha situada assim. Se as insígnias distintivas da feminilidade devem ser diferenciadas da identificação com o pai e dos atributos fálicos, como poderão elas se fazer reconhecer? Onde uma mulher encontrará com o que se identificar, já que seu pai vai lhe oferecer apenas o acesso ao falo? (POMMIER, 1991, p. 31).

A feminilidade, então, tem de ultrapassar o que vem a partir do falo. A sexualidade só encontra significação, porém, a partir deste falo; ele é o significante sexual. Dessa forma a mulher, ao ir para além do falo, passa a ter uma identificação que vem justamente marcada por uma carência identificatória - uma falta de significante da feminilidade -, entretanto, esta possibilita uma identificação à falta e um gozo próprio do feminino, portanto, diferente do gozo fálico da menina e do menino.

> A "castração" feminina não está na mesma dimensão que a castração encontrada pelo menino ou pela menina, na medida em que esta última está, como ele, engajada na fase fálica. (...). Esta carência de um significante da feminilidade independente da significação do falo constitui o próprio da castração encontrada por uma mulher (POMMIER, 1991, p. 24).

Nesse sentido, Pommier (1992, p. 19) fala de uma tradição cultivada em nossa sociedade referente à adoção do sobrenome do marido pela mulher após o casamento. Ele expõe o quanto esta tradição traz de um movimento próprio e necessário ao feminino, pois isso simboliza e significa o abandono do falo, ou seja, o abandono da

significação que o pai fornece à menina. Assim, ela também fica desvinculada do incesto paterno, ao mesmo tempo em que a perda do nome permite um gozo diferente do gozo fálico.

Esta perda do nome não se dá apenas pelo casamento; em relação a isto, e agora trazendo exemplos de minha própria experiência clínica, me lembro de um fragmento da fala de uma paciente, a qual me conta que seu pai ficou muito bravo por esta ter tirado o sobrenome dele da assinatura que faz cotidianamente; ela assina apenas o sobrenome da mãe. É claro que esta ação tem uma explicação plausível, ou uma desculpa bem elaborada, mas entende-se que estas só disfarçam o abandono do pai para a entrada em um gozo diferente do fálico.

É isso que quer dizer Serge André (1991) - ao retomar a obra de Lacan -, quando afirma que, para o feminino, ao contrário do que acontece na menina,[2] falta um significante inconsciente, ou seja, falta o falo que é o único significante referente à sexuação. Em Freud inaugura-se essa idéia quando este afirma que há uma única libido, e esta seria a masculina. Dessa forma, ele explica que o feminino seria caracterizado por uma bissexualidade, ou seja, além de ter a sexualidade fálica, a mulher tem um além que não se consegue nomear porque é só a fálica que é significada.

Essa não-sexuação fálica, ou pelo menos não-significada falicamente por inteiro, segundo André, define o feminino. "(...) o gozo do ser - especialmente do ser feminino, do Outro sexuado como tal - não pode ser dito, é rejeitado naquilo que subsiste entre os ditos, a título de indizível, de fora da linguagem" (ANDRÉ, 1991, p. 214).

É justamente esse movimento que define um gozo sem barreiras para o feminino; isto porque o falo, ao mesmo tempo que permite, limita o gozo, e o faz quando o enquadra dentro da linguagem, dentro do significante: a partir da castração fálica é que se limita um gozo completo e que surge a falta, a qual permite que este gozo seja sempre

[2] Neste trabalho tomamos a expressão “menina” não equivalendo a feminino, já que a menina circula em um gozo fálico equivalente ao do menino. E o que tomamos aqui enquanto feminino, diz de um ultrapassamento desse gozo fálico.

buscado, mas só encontrado de forma invertida no sintoma. Pommier (1992) coloca que, ao abandonar o sobrenome paterno e ir além desta significação fálica, o feminino goza para além da proibição que o nome e a lei paterna impõem; nesse sentido o corpo goza sem a culpa do incesto.

Isso de forma alguma quer dizer que a mulher não é castrada; ela só não está submetida por inteiro à castração; seu gozo só existe por referência ao falo mas é um gozo a mais, para além da significação fálica. Assim, a perda do nome do pai vai permitir a sexualidade feminina:

> É unicamente graças à insuficiência paterna que a questão do gozo do corpo pode se colocar, já que um pai se fosse realmente onipotente na terra (e não no céu, onde ele habita, para sumo benefício do gozo) poderia ter a pretensão de proibir totalmente o incesto e o exercício da sexualidade que vem em seguida a ele. Assim, a questão da perda do nome paterno finalmente ganha sentido, não apenas em relação à identidade, não apenas em relação à sexuação, mas em relação ao gozo (POMMIER, 1992, p. 22)

É o que Serge André (1991) toma em Lacan, definindo este tipo de gozo para além do falo como gozo do Outro ou gozo do corpo (o primeiro autor diz que em Lacan o Outro e o corpo se confundem enquanto lugar de inscrição). Para ingressar neste tipo de gozo do corpo ou gozo Outro, no entanto, a mulher tem de passar pelo gozo fálico; no gozo Outro aparece a referência fálica; dessa forma é um gozo que só ocorre quando se ultrapassa o gozo fálico. A mulher experimenta este gozo do Outro quando se coloca numa posição de passividade, como objeto do gozo. Afinal, se supomos um gozo que o outro possui evocamos o falo: "A suposição de um outro que goza aparece, pois, como um efeito, até mesmo o efeito mais radical, do significante do falo" (ANDRÉ, 1991, p. 224).

Em relação a isso, Pommier (1991) fala de três tempos na constituição deste gozo feminino. A passividade primordial, que é o gozo primeiro materno, ou seja, o gozo do Outro, onde a criança é objeto; este gozo é recalcado pela linguagem; o recalque desta primeira fase é imprescindível a fim de que haja uma evolução até o falicismo, pois só assim a criança vai poder fugir da apreensão do Outro, nesse caso a mãe, o que produziria um assujeito. A segunda fase, denominada falicismo, representa a igualdade entre meninos e meninas em relação à busca do gozo fálico, o qual é um gozo parcial, permeado pela relação desejo/falta. Esta fase, dessa forma, dá lugar ao sintoma, mas ao mesmo tempo promove a constituição do sujeito psíquico. A terceira fase caracteriza-se por um retorno à passividade, a qual Pommier (1991) chama de um "retornar-se mulher", retornar-se no sentido de uma "volta" à passividade primordial, mas que só ocorre depois de a mulher haver passado pela fase fálica (pela castração), isso porque há uma sucessão entre atividade e passividade nessa constituição. O ativo, neste sentido, diz da busca pelo Outro e a passividade refere-se a um gozo a mais do feminino que ultrapassa o gozo fálico masculino, e que é referente a primeira passividade, ou seja, ao gozo enorme de estar entregue ao Outro como objeto. Essa terceira fase do feminino diz do gozo relacionado à completude: simbiose mãe-criança. É um retorno à fase de ligação com a mãe (criança passiva), que, porém, não tem o mesmo significado após a criança ter passado pela fase fálica (criança ativa), e, por isso, há uma mistura do corpo imaginário recalcado do gozo do Outro com o "corpo" atual, o que gera um gozo próprio do feminino.

A questão da passividade e atividade em Pommier (1991) é trabalhada a partir de Freud, o qual coloca o ativo e o passivo como posições, não existindo a diferenciação homem-mulher, uma vez que ambas as posições poderiam estar presentes tanto em um como no outro. Apesar disso, existe uma predominância da posição ativa na masculinidade e da posição passiva na feminilidade. Por isso o autor prefere utilizar os termos atividade/passividade, de forma que ambos

vão alternando-se nos sujeitos femininos e masculinos, afinal toda a impressão passiva tende a produzir uma reação ativa. É isso que verificamos nas três fases pelas quais passa a mulher na teorização de Pommier (1991): ela passa de uma fase passiva original para uma fase fálica em que é ativa, e, num terceiro momento, volta à passividade:

> As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que a criança tem em relação a sua mãe são, naturalmente, de caráter passivo (...). Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações a ela relacionadas; outra parte porém esforça-se por transformá-las em atividade... (FREUD, 1994d, p. 271).

Em Freud as polaridades ativo/passivo surgem na fase anal, pois na fase oral a criança é somente passiva aos cuidados e sedução materna. Um exemplo de atividade na analidade é a retenção das fezes às quais a mãe deseja. Como estágio seguinte, Freud traz a fase fálica quando afirma que tanto na menina quanto no menino há masculinidade e ainda não se encontra feminilidade, pois a menina quer o órgão masculino e a mãe fálica como objeto sexual, pois se entende como castrada. Ele coloca que é só na puberdade que a polaridade sexual coincide com masculino/ativo (posse do pênis, sujeito) e feminino/ passivo (mulher como objeto; nesse sentido Freud diz que a mulher prefere ser amada do que amar). Então a transição para o objeto paterno ocorre com a ajuda das tendências passivas.

Deve ficar clara a diferença entre passividade e preferência a fins passivos. "Poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos. Isto, naturalmente, não é o mesmo que passividade; para chegar a um fim passivo, pode ser necessária uma grande quantidade de atividade" (FREUD, 1994b, p. 143). Este autor fornece um exemplo quanto a isso quando afirma que os impulsos masoquistas são próprios das mulheres; não é que a mulher não possua tendências ativas; o que acontece é um desvio destas para o psíquico da mulher, devido também a imposições sociais. É

interessante que Freud coloca que o masoquismo também se encontra em homens, e aí se pensaria em homens com traços femininos bastante evidentes.

Com relação ao gozo na passividade descrito por Pommier (1991), podemos situá-lo quando Freud nos afirma que "(...) para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (FREUD, 1994d, p. 209). Isso nos remete diretamente ao fato dessa relação com a mãe estar presente fortemente e para sempre na vida da menina. Este autor diz que as mulheres que escolhem o marido baseadas no amor pelo pai repetem com ele seus maus relacionamentos com a mãe, um caso de regressão. Afinal, a ação tão forte do recalque nessa relação faz com que ela permaneça sempre presente na vida da mulher.

Freud (1994c) acrescenta que a bissexualidade vem para o primeiro plano muito mais claramente em mulheres do que em homens, uma vez que esta tem duas zonas sexuais principais e dois objetos que continuam funcionando para sempre. Também o fato de serem colocadas como castradas as impulsionam durante toda a vida:

> O desenvolvimento da feminilidade permanece exposto a perturbações motivadas pelos fenômenos residuais do período masculino inicial. Muito freqüentemente ocorrem regressões às fixações das fases pré-edipianas; no transcorrer da vida de algumas mulheres existe uma repetida alternância entre períodos em que ora a masculinidade, ora a feminilidade, predominam. Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de "o enigma da mulher", pode, talvez, derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher (FREUD, 1994b, p. 161).

O que Freud traz como bissexualidade da mulher não significa que esta possua dois sexos, mas diz de uma elaboração que faz referência inaugural ao que os psicanalistas mais atuais chamam de gozo na

passividade, o qual vem por uma ligação forte com a mãe, com o Outro. É a partir disso que os psicanalistas lacanianos falam de dois gozos femininos: o fálico e o para além deste, o gozo Outro.[3]

É inevitável perceber essa extrema "dependência" ou referência ao Outro, desde Freud até os lacanianos, tanto teoricamente como na prática clínica. Esta referência o feminino continua mantendo para sempre. É um traço permanente da relação primeva com a mãe.

É interessante expor neste momento algumas questões do feminino que se pode observar, de forma mais clara, nas manifestações histéricas. O feminino e a histeria se confundem bastante em sua constituição, posto que a histeria se diferencia por uma maior carga de recalque que impossibilita a satisfação do desejo. Dessa forma, esse desejo só pode se realizar de maneira disfarçada, o que dá origem ao sintoma: "(...) a histérica vem, de certa forma, relembrar-nos o enigma do lugar que estaria reservado, específico, próprio ao sexo feminino(...)" (MELMAN, 1985, p. 18). Assim, por meio do sintoma histérico, percebemos muito daquilo que é próprio do feminino.

Quando tomamos a histeria para visualizar o feminino, portanto, encontramos nesta a forte referência ao Outro, traço que é uma repetição da ligação originária com a mãe. Joel Dor (1991) aponta como característica estrutural da histeria o desejar alguma coisa, mas delegar isso ao Outro de forma a parecer que o Outro que demanda. Este autor designa essa característica como "falso semblante dos histéricos", quando o desejo está presente mas disfarçado, pois aparece onde não está, ou seja, no desejo do outro. A questão que a histérica se faz é: "o

[3] É interessante a nomeação que se dá a esse gozo próprio do feminino. O gozo Outro ou gozo do Outro, ou ainda o gozo do corpo, refere-se ao mesmo tempo a um gozo que se constitui para além do gozo fálico (e por isto "gozo Outro", sem significação) mas também diz de um gozo onde o feminino se coloca numa posição de passividade, e que faz referência ao gozo primeiro vivido com a mãe, quando a criança está como objeto para o gozo desta mãe (por isto gozo do Outro). Ainda se nomeia o gozo feminino como gozo do corpo, ou seja, um gozo que, ao ultrapassar o falo, também ultrapassa o incesto paterno, o que permite o prazer sexual ao feminino.

que o outro deseja de mim?" De certa forma há uma certa alienação do desejo ao Outro. É aí mesmo, entretanto, que a histeria se põe em condições de desejar, mas, tomada pelo recalque, seu desejo só aparece pelo sintoma.

Se, portanto, a castração do menino e da menina é similar à falta de falo, a da mulher se coloca como uma falta de significação pelo fato da feminilidade se caracterizar para além da significação fálica, encontrando um gozo Outro. Assim, Pommier (1991) vai nos falar de um vazio de identidade. Ele afirma que a mulher, em sua constituição, não se identifica nem com a mãe, nem com ninguém, permanecendo um vazio de identidade. Dessa forma ela representa a falta. Não encontrando essa identificação, que para o menino ocorre logo após o complexo de Édipo com o pai, a mulher vai buscá-la constantemente no Outro. O desejo do Outro serve como identificação. Aqui encontramos o conceito de "mascarada", no qual a mulher, sendo falta, mascara-se de falo atraindo assim o Outro que vai preencher um pouco o vazio de identidade.

Esta busca de identidade, porém, diz da busca de um nome, e, portanto, diz de um gozo fálico. "(...) é para ser falo, ou seja, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos, na mascarada" (LACAN, 1998, p. 701).

Assim, se estampando de falo, ela atrai o homem que lhe traz uma certa segurança do que ela é - namorada, esposa ou até mesmo divorciada de tal fulano... ela encarna o desejo do homem em si, ela é o que ele deseja nela -. Ao mesmo tempo que ela conquista, e é conquistada, pela posição fálica em que está posicionada e na qual as outras mulheres também estão, assim ela se identifica com a outra mulher ao mesmo tempo que a admira, pois acredita que a outra tem o falo que ela apenas disfarça ter. A outra mulher guarda o segredo do que ela realmente é, e é assim que a histérica cria a rival na famosa frase "o que ela tem que eu não tenho" comum entre as mulheres.

A constituição de todo o ser humano ocorre a partir desse olhar do outro. O fantasma de cada sujeito se estrutura a partir da pergunta: "o que o outro quer de mim?". Essa fase de estruturação do sujeito se inicia quando a criança está ainda em profunda ligação com a mãe, e se põe como objeto dessa mãe, num profundo gozo da simbiose mãe/filho. Conforme a criança vai se estruturando ela vai se desligando dessa fase, com a qual coincide a fase oral, a fim de que se constitua um sujeito, ou seja, o que só ocorre se este consegue se desligar dessa simbiose que pode deixá-lo para sempre como um assujeito.

A diferença, então, é que o sujeito feminino tem uma profunda ligação com essa fase de sua vida que teve de ser recalcada para que seu objeto de amor passasse a ser o pai e não a mãe. Justamente por ter passado por esta forte tentativa de ser escondida é que esta fase volta. É assim que se caracteriza o recalque. É o que Pommier (1991) caracteriza como o gozo da passividade.

Entende-se , então, que a mulher feminina continua ligada a essa questão da formação pelo desejo do Outro, de forma mais clara, na histeria. A mulher permanece numa demanda ao Outro. Dessa forma é que consegue tornar-se um sujeito do desejo. O desejo da histérica, porém, tão recalcado, só pode aparecer a partir de seu sintoma (que é o seu desejo muito disfarçado) e é só desse lugar que ela consegue falar de si.

É a isso que nos remete a leitura de Melman (1985) quando este nos coloca o conceito de automatismo de repetição em Freud, contido na segunda tópica: "o intento de reproduzir o mesmo tipo de tensão, ao qual esta economia está, desde a infância, acostumada, e de buscar no alívio desta tensão o mesmo malogro que aquele que originalmente o constitui (...)" (MELMAN, 1985, p. 20). Nesse sentido acrescenta que todos os outros recalques serão comandados pelo recalque originário, referente a esta satisfação primeira. Então a histérica repete a busca de reencontrar este prazer primeiro vivenciado com a mãe, o qual foi recalcado e que comanda os outros recalques referentes a ele, mas mesmo assim este prazer se expressa por meio do sintoma histérico de

conversão, por isso o sintoma diz do caráter da pessoa a qual pertence, faz parte dela.

Na busca desse prazer primevo, a sedução é uma arma (a máscara de falo, representante do desejo do Outro) que esse sujeito feminino utiliza para trazer para perto de si (para lhe suprir de identidade) o homem e a outra mulher, a qual toma a posição de rival. Segundo Pommier (1991), o sujeito feminino torna-se o que a outra mulher gostaria de ser e encarna o desejo que o homem atribui a ela; vai ao encontro do masculino encarnando suas fantasias. Em relação a isso trago como exemplo, novamente a partir de minha própria experiência clínica, uma frase pronunciada por uma paciente: "(...) é engraçado como me comporto diferentemente com um e com outro namorado, com cada um sou uma pessoa diferente".

Nesse sentido, Pommier (1991) afirma que, por estar numa posição de falta mascarada de falo, a mulher se ama e, no caso de um narcisismo enfraquecido, ama sua rival quando a admira ou quando esta é amada por um homem; isso vem preencher um pouco o vazio de identidade. A mulher se faz de falo e ao mesmo tempo cai no disfarce da outra que também está se fazendo de falo; a mulher entende que é sempre a outra que é possuidora do falo.

Entendemos que aqui Pommier encontra o laço com a histérica, a mascarada - a falta disfarçada de falo - pois enquanto no simbólico esta mulher é a falta, no imaginário é o falo. Assim expõe-se a presença da rival, com a qual se relaciona a popular frase dita no senso comum por mulheres: "não me arrumo bonita assim para os homens, mas para as outras mulheres".

> Uma mulher apreende uma feminilidade problemática pelo viés do olhar de um homem, mas isso não ocorre apenas assim. De fato, porque sua feminilidade lhe é estranha ela venera , através de seu próprio corpo, o mistério da outra mulher, que detém o segredo daquilo que ela é (POMMIER, 1991, p. 35).

Pommier (1991) diz, então, que o feminino não é a identificação com a mãe - como Freud afirma -, nem com ninguém, sendo uma identificação com o "nada", ou seja, com a falta. Dessa forma a mulher busca identidade na relação com o Outro.

Serge André (1991) afirma que para o feminino falta o significante inconsciente para a sexuação, ou seja, o falo. A mulher é "não toda" determinada pelo inconsciente e, dessa forma, o que este sujeito quer é um suplemento de inconsciente. Assim, cada um dos autores contribui ao pensamento que Freud inaugurou em relação ao que a mulher busca, que denominou inveja do pênis, a qual encontraria resolução quando a mulher tivesse um filho, o que a faria definir-se enquanto feminina. Nestas colocações, no entanto, a mulher parece estar buscando o gozo fálico.

Em relação a essa busca do gozo fálico do feminino, é muito intrigante o que Serge André (1991) diz quando denomina a mulher "não toda sujeito", justamente pelo fato de não ser toda tomada pela significação da linguagem e não toda determinada por seu inconsciente, e é essa parte insubjetivável de si mesma que ela quer significar realizando essa eterna demanda do Outro.

Pommier (1991) explica que é necessário o gozo fálico para que a mulher se coloque na posição de falo atraindo o outro para encarnar a fantasia deste, e assim se coloca como objeto do gozo do Outro, entrando em seu gozo na passividade. "(...) já o retorno à passividade primeira permite entender como a mulher é abrangida por um outro gozo, que nada deve à inveja do pênis" (POMMIER, 1991, p. 41). Entende-se que este mesmo autor argumenta que a mulher cria uma fantasia colocando-se como mascarada fálica, mas somente para que se possibilite o gozo na passividade, o gozo do corpo: "a busca da passividade provoca uma voragem. A fantasia de ser objeto de uma fantasia recupera, por esse desvio que passa pelo logro, o gozo perdido do corpo" (POMMIER, 1991, p. 54).

Para André (1991), a demanda fálica feminina é de inconsciente. Segundo este autor ela aparece muito na clínica, para o psicanalista.

Ele, no entanto, faz a advertência de que sendo o feminino não todo determinado pela subjetivação inconsciente, e sendo a Psicanálise prática relativa ao sujeito do inconsciente, há na mulher feminina algo que é impossível de se recalcar.

Portanto, o mistério que Freud atribui às mulheres, quando diz que a análise feminina só pode ir até a inveja do pênis - uma vez que, para além disso nada será desvelado mas somente suposto - , é retomado , pois, segundo os psicanalistas mais "atuais", a análise vai até onde a linguagem alcança, o para além feminino será sempre um mistério:

> Querem os senhores saber mais sobre a feminilidade, então indaguem as suas próprias experiências de vida, ou dirijam-se aos poetas, ou aguardem até que a ciência possa lhe dar informações mais profundas e melhor correlacionadas (FREUD, 1994b, p. 565).

ABSTRACT: *How is femininity constituted? We know that anatomy does not define the female subject and that the issue of femininity and its connection with anatomy has left gaps in the writing of the father of Psychoanalysis, Sigmund Freud. To delineate our essay, we emphasize the primary relationship of the girl with mother, which, according to Freud, remains as a model for all subsequent relations of the female subject, once the woman, as a female, does not terminate Oedipus complex in a comprehensive manner. If the Oedipus complex is not completely terminated, the link with the mother goes on, because this is a direct legacy of this primeval relationship. Beginning by Freud, and moving on to Lacanian psychologists, such as Gerard Pommier (1991, 1992) and Serge André (1991) who, based on Freud, developed their theories, we try to present reasons and arguments about the feminine, and define it. Will it be possible, however, to define femininity? It is known the woman participates of the phallic enjoyment - and she must do so to enter the world of language - but she must go beyond phallic significance - the only significant language to sexuality - to find "Other enjoyment", which brings specificity to the feminine.*

Keywords: *Constitution. Femininity. Passive enjoyment. Active enjoyment.*

REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DOR, Joel. **Estrutura e perversões.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In**: Obras psicológicas completas**. 3. ed. Rio de janeiro: Imago, 1994a.

_____. Feminilidade (1933). In**:** _____. **Obras psicológicas completas.** 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994b.

_____. Sexualidade feminina (1931). In: _____. **Obras psicológicas completas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994c.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In**:** _____. **Obras psicológicas completas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994d.

LACAN, Jacques. A significação do falo**.** In**: _____. Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MELMAN, **Novos estudos sobre a histeria**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

POMMIER, Gerard. **A excessão feminina:** os impasses do gozo**.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____. **A ordem sexual:** perversão, desejo e gozo**.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.